



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O REBOLINHO

■ Por ANÃO SABICHÃO ■

BÉU! Béu! Béu! — ladrou, correndo atrás de Mimi, um canito ordinário.
— Que me queres tu, Rebolinho? —
preguntei-lhe eu.

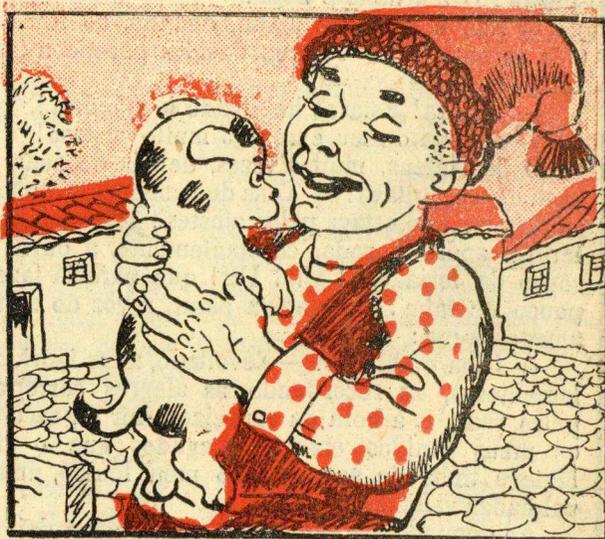
Na sua linguagem canina, o Rebolinho falou-me desta maneira:

— E' que, senhor Anão, eu sei que escreve para os meninos e tinha muito empenho que eles conhecessem a minha história.

— Essa história também eu sei. O teu dono é o ferreiro Mateus e és tu que andas à roda com o engenho que faz mover o fole da forja. Até, por sinal, acho muito para louvar o teu emprêgo. Mereces bem, que o tio Mateus seja teu amigo!

— Isso é! Mas eu é que houve tempo em que não lhe pagava na mesma moeda! Asneiras da mocidade! — ladrou, cheio de filosofia, o bom do canito.

— Conta, então lá, porque foste, assim, ingrato?!

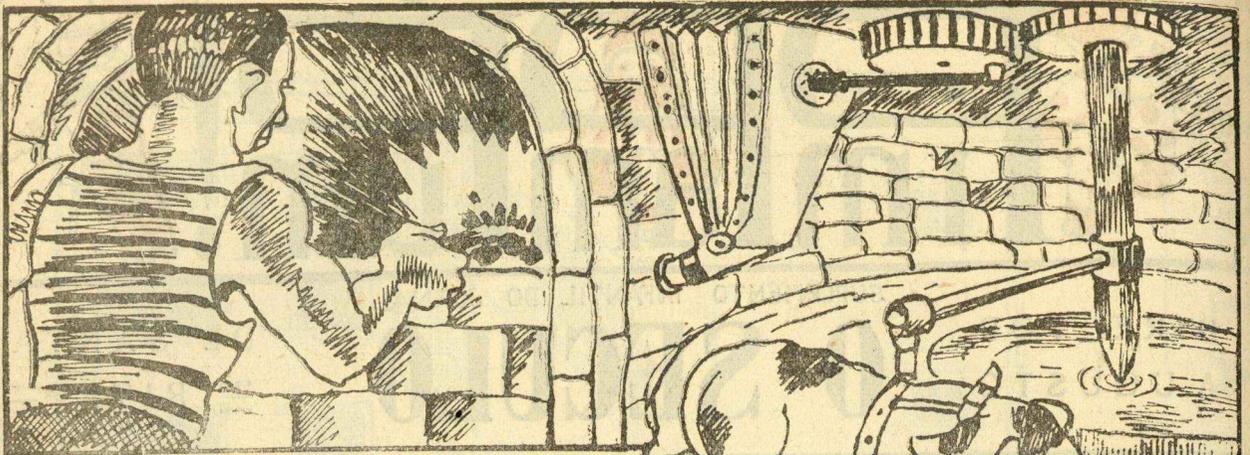


— Olhe, amigo Anão, o princípio... princípio, da minha vida não me lembro. O que lhe sei dizer é que fui encontrado na rua, quando era um cão bêbézinho, por um vendedor de hortaliça. Comigo ao colo, o homem passou pela loja do tio Mateus e perguntou-lhe se queria ser meu dono.

— Está visto que sim! — respondeu êle. — Faz-me até arranjo. Fica para o lugar da cadela que está muito velha.

— O quê, assim tão pequenino começaste, logo, a trabalhar!

— Não, senhor! O meu dono é muito bom! Nesse tempo, deixava-me só brincar, dava-me muitos mimos, dizendo sempre: — Rebolinho, quando fores crescido é que te ponho à nora! Nora chamava êle ao engenho que eu faço andar! Muito feliz fui, então! Aqui, no bairro, era o «ai Jesus» de tôda a gente!... De manhã à noite, andava num virote, a retouçar com os outros cães, ou com os garotos que eu ia esperar à saída



da escola. Parte do tempo, também estava em casa da Maria engomadeira, grande amiga que me dava beijinhos, me lavava o pêlo, e me punha um lindo laço ao pescoço!... Até parecia um cão de família e andava tão gordo das petisqueiras que comia, aqui e ali, que me deram o nome de Rebolinho!

— Mas, agora, também não tens razão de queixa! O teu dono é bom!

— Não o entendia assim, quando, ao fim de três meses, o tio Mateus decidiu pôr-me a trabalhar!

— Pudera! Estavas habituado à mândria!

— Achava o meu emprego muito custoso!

O tio Mateus, muitas vezes, depois de suar, a ensinar-me, gritava: — Tens de ganhar o teu pão! — Mas eu não estava pelos ajustes! Aborrecia-me ter de andar à roda, constantemente, a ouvir o sôpro da forja Uff! Uff! Uff! que parecia fazer pouco de mim! Se tentava parar, a voz do dono ameaçava-me:

— Olha o chicote! — Revoltado, nuns ladridos lamentosos, ia recordando as alegres correrias pelas ruas, e, à hora da rapaziada sair da escola, os meus ganidos eram tão agudos que o tio Mateus tinha de assentar, no meu lombo, umas palmadas valentes!

Ao domingo, dia de feriado, o meu dono deixava-me passear. Então, eu corria logo a casa da Maria engomadeira, abraçava-a, à minha moda, lambendo-lhe a cara, o que a fazia rir muito e lá apanhava um banho formidável!

Depois, durante todo o dia, andava como doido, vagueando pelos sítios conhecidos, numa



tal ânsia de liberdade que, um domingo, o meu dono esperou-me em vão!

— Resolvera fugir, para não mais ter que trabalhar, pensava com os meus botões!

— Que idéa tão triste, Rebolinho!

— Foi assim mesmo!... Durante os primeiros dias, julguei-me o cão mais feliz do mundo!

— Aposto que durou pouco tempo, a tua felicidade?

— E' verdade, amigo Anão! Para onde fugi, não tinha protectores, custava-me muito arranjar uns ossitos para roer! Os cães, mais fortes, quasi sempre mos arrancavam, à dentada!... Dormia nas portas das cocheiras e, quantas vezes, acordava, com um pontapé de quem entrava! Ali, não havia amigas engomadeiras que me fizessem festas e me lavassem o pêlo! Transformei-me num cão nojento!

— Foste castigado pela tua ingratidão!

— Pois fui!... Andava com um ar tão amachucado, que, quando um dia, senti alguém passar uma corda à roda do meu pescoço, e levar-me de rasto, deixe-me ir! Esse novo dono era um mendigo cego. Daí por diante, o meu emprego era conservar-me de pé, sôbre as patas trazeiras, de manhã à noite, ao lado do cêguinho, tendo, entre os dentes, um saco onde deitavam os cobres das esmolas.

Também não tinhas muito boa vida! — comentei eu.

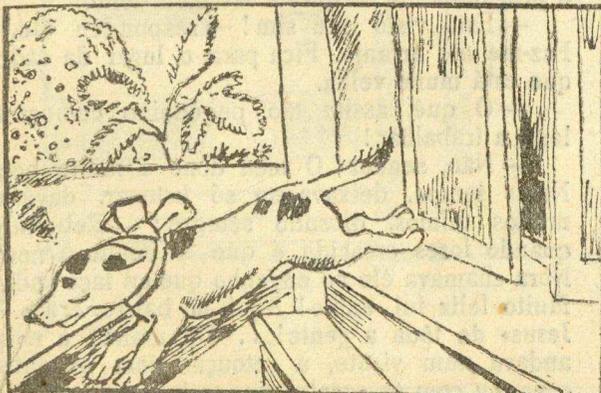
— Calcula lá!... E que inveja me faziam os cãesinhos felizes, que passavam sentados nos automóveis!... Mas, uma ocasião, um menino que ia pela mão da sua mamã, mal me viu, exclamou:

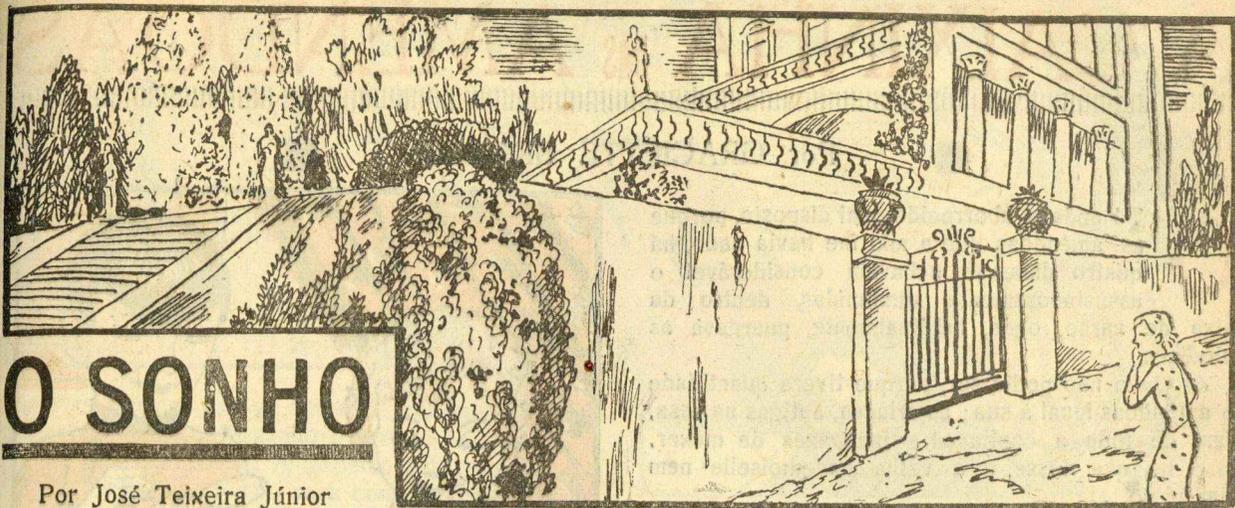
— Que lindo cãozinho! Quem me dera tê-lo!

— Era um menino muito amimado, porque a senhora, imediatamente, propôs ao cêguinho que me vendesse. Ofereceu por mim maquia grossa e o mendigo, contente com o negócio, recebeu logo ali o dinheiro e eu pensei:

— Agora sim! Vou ser um cão de família! Bem tratado e bem comido!

— Tiveste sorte! (Continua na página 5)





O SONHO

Por José Teixeira Júnior

NA freguesia de Santo António do Funchal, vivia uma linda rapariguinha, bordadeira, como quasi todas as outras suas patrícias. Tecia, com seus dedos ágeis e hábeis, maravilhas de linho, que pareciam obras de fadas, na confecção das quais ganhava míseros proventos.

Era, portanto, muito pobrezinha. Tão pobre como linda. Mas, também, tinha o seu Sonho, um grande sonho avassalante e, ao mesmo tempo, engrandecedor.

A sua freguesia era das mais buliçosas e pitorescas da Ilha da Madeira, com o seu deslumbrante Pico dos Barcelos, encanto dos turistas, com as suas casas e balcões de fantasia, com uma quinta romanesca, enlévo de todos os românticos; a quinta onde viveu o grande poeta do «Só» — António Nobre.

Fôsse como fôsse, o certo é que a nossa linda bordadeira era romântica e sonhava alto, mais alto do que a sua idade permitia e a

sua humilde condição aconselhava. E ela sempre a tecer, a tecer pobrezinha e triste.

la ela, de vez em quando, à cidade levar os seus bordados, trocar êsses pequeninos sonhos por algumas insignificantes moedas. E, no caminho, via sempre um grande palácio a estonteá-la em doidas fantasias.

Que havia dentro dele?! Como seria a vida lá dentro?! Coisas profundas para a sua infantil imaginação!

Era tão lindo êsse palácio!... Seus jardins eram tão formosos e floridos!... E que variedade de coisas surpreendentes, havia dentro deles! Eram cascatas com caprichosos jogos de água, cines brancos, pavões vaidosos da sua beleza, árvores exóticas, avezinhas multicores, que cantavam encantadoras árias.

A's vezes, quando, ao lusco fusco, passava junto d'êsses jardins, ouvia os gorgeios dos passarinhos e então sua alma devaneava mais, seu sonho era maior.

Como era belo assim o Mundo! Como a vida tinha coisas lindas!

E ela sempre a tecer, a tecer pobrezinha e triste.

Na sua cabecita louca, seu sonho cresceu, ganhou forma precisa e definitiva.

Viver naquele palácio para ela encantado, era a suprema ambição. Como seria feliz dentro dele!

As árvores, os poentes, as noites de luar, como seriam estranhas vistas de lá! Os perfumes das flores e o gorgeio das avezinhas, como seriam mais belos ainda, aí, com ela no meio, irradiando seu encanto e perfume de donzela!

Um dia chegou à Ilha, inesperadamente, seu padrinho que, durante muito tempo, vivera na America, ignorado, esquecido, Trazia enorme fortuna e não tinha família, motivo, porque procurou a afilhada e lhe perguntou o que mais desejava possuir no Mundo.

Ela hesitou na resposta, mas, instigada pelo padrinho, disse um dia:

— Aquele palácio!

Bem simples foi a realização do sonho da pequena bordadeira. Os proprietários do palácio, que se haviam arruinado em infelizes especulações depois da guerra, emigraram. E fácil foi chegar com eles a um acôrdo comercial. O palácio foi adquirido pelo «americano» e a bordadeira, pequena



(Continua na página 6)

A CAIXINHA DAS AMÊNDOAS

Por GRACIETTE BRANCO

O Tó andava aborrecido, mal disposto, porque as amêndoas que a mãe lhe havia dado, há quatro dias, se achavam considerável e assustadoramente diminuídas, dentro da caixa de xarão, onde, habitualmente, guardava as gulodices.

O Quim não podia ser, porque tivera quantidade de amêndoas igual à sua; as criadas, antigas na casa, eram de toda a confiança e incapazes de mexer, fôsse no que fôsse, e a velha mademoiselle nem falar nisso.

O Tó dava tratos à imaginação e nada!... A única pessoa capaz de tão feia acção, era, apenas, o mano Quim, um gorducho garoto de cinco anos, ladino, irrequieto, atrevido, espertalhão... Mas o Quim tinha amêndoas: não precisava das suas.

Passavam-se horas e a imaginação do Tó, embora trabalhando afanosamente, não adiantava um passo. E o caso era que as amêndoas, de dia para dia, desapareciam a olhos vistos.

Com um sorriso finório, o Tó decidiu-se, por fim, a armar em detective. Faria de conta que saíra e meter-se-ia dentro do guarda-fato, com uma gretinha da porta aberta e assim decifraria, rapidamente, o difícil problema. Tirando, do bengaleiro, o seu boné à sport, de rapaz de 12 anos, para, mais claramente, dar a impressão de que tinha saído, o Tó entrou, cautelosamente, dentro do guarda-fato e aí ficou, com a respiração opressa, entre casacos e sobretudo, entre um agradável cheirinho a naxalina e uma escuridão arripiante. Passaram segundos, minutos, horas e nada! Ninguém entrava no seu quarto e a caixa de xarão misteriosa continuava, tranquilamente, pousada sobre a cómoda pau-rosa, em frente do guarda-fato, esconderijo do Tó.



O amigo Tó, farto do contacto com casacos e sobretudo e irritado com as cruzetas que o empurravam, como dizendo-lhe que estavam em sua casa e não admitiam estranhos, começava a desesperar. A escuridão, lá dentro, era completa e aquele teimoso cheirinho a naxalina começava já a fazer-lhe andar a cabeça à roda.

De súbito, porém, abriu-se a porta do quarto. O coração do Tó, aos pulos, era um cavalo a galope. Reprimiu a respiração e espreitou pela gretinha da porta. A velha mademoiselle entrava, com uma ruma de livros, que, cautelosamente, arrumou sobre a estante espaçosa. Os olhos do Tó, como dois punhais agudos, fixavam a caixa de xarão.

De passagem, a mão meticulosa da mademoiselle arrastou, um milímetro, a célebre caixa que os seus rigorosos olhos não achavam perfeitamente direita...

Suspense, o Tó, quasi sem respiração, tremia todo, com o coração nos olhos...





Mas a tampa não se abriu e a mademoiselle saiu, pachorrotamente, fechando a porta.

Tó respirou fundo. A mademoiselle não era!

Mas não teve tempo para considerações, porque a porta, novamente, se abriu... A Maria, criada dos quartos, entrava, com um taboleiro de roupa engomada. Novamente, os olhos do Tó eram dois punhais sobre a tampa da caixa de xarão...

A criada arrumou toda a roupa nas gavetas da cómoda. A' saída, fixando a tampa da caixa, passou-lhe, por cima, um pano do pó, porque, embora estivesse limpa, a criada Maria era extraordinariamente acuada e cuidadosa...

O Tó estava na eminência de apanhar uma grave doença do coração, quando a Maria saiu...

Novamente, respirou fundo, o nosso Tó! Bom. A Maria também não era.

Passaram minutos, um quarto de hora, meia hora, e mais ninguém entrava! Dispunha-se já, o Tó, a abandonar o seu incómodo esconderijo quando, olhando para a porta, viu que ela começava, lentamente, a abrir-se... Nervoso, Tó conteve a respiração! A porta continuava abrindo-se, muito lentamente, quando, aos olhos atemorizados de Tó, vagorosamente, foram surgindo uns caracóis muito louros, muito bonitos, muito seus conhecidos.

A maneira misteriosa da entrada denunciava o ladrão, e Tó murmurou, entre dentes, um «oh!» de assombro e talvez de tristeza...

Em corpo inteiro, surgiu, agora, a figurita do amigo Quim que, pé ante pé, e olhando em roda, se dirigiu à caixa de xarão. Levantou-lhe a tampa, tirou uma amêndoa que meteu na boca lambuzada, tirou mais duas que guardou na algibeira do bibe e mais outras duas que levou, fechadas na mão. Tornou a fechar a caixa e, pé ante pé, ia a dirigir-se à porta, quando, de súbito, — Oh! Horror! — Tó surgiu na sua frente, mãos nas algibeiras e um vinco profundo na testa, sobre o olhar feroz...

—«Tu, Quim! Eras tu o ladrão!!»

Quási a fazer beicinho, o Quim ia a tirar a amêndoa, já desfeita, da boca e a entregar as outras quatro, quando Tó, imperiosamente, perguntou:

—«Porque motivo me roubas as minhas amêndoas, se a mãe te deu porção igual à minha? Comeste-as todas, duma vez?»

—«Só comi uma!» — respondeu, de olhos no chão, o Quim.

—«Só comeste uma? Então o que fizeste às outras?»

Sempre de olhos no chão, o Quim respondeu:

—«Dei-as ao filho da porteira, que mas pediu.»

Dos olhos do Tó, súbitamente, saiu a expressão feroz e, suavemente, entrou um clarão de carinho e simpatia.

—«Tu fizeste isso, Quim?»

—«Fiz.»

—«Então, come as minhas à vontade. São todas para ti. Antes, porém, deixa-me dizer-te uma coisa: procedeste muito bem dando as amêndoas ao Zé, que não tem quem lhas dê, mas fizeste muito mal entrando aqui, como um ladrão e apossando-te do que não era teu. Devias ter vindo pedir-me as amêndoas, que eu não tas recusaria. Se te mostrares arrependido desta feia acção, serás o menino mais bonito do mundo.»

Então o Quim, com os olhos cheios de lágrimas, abraçou-se ao pescoço do irmão e prometeu que nunca mais repetiria tão vergonhoso procedimento, do qual se sentia, agora, deveras arrependido.

E as amêndoas... não passaram daquele dia...

■ F I M ■

O REBOLINHO — (Continuado da página 2)

— Qual sorte, senhor Anão! Daí a uns dias, já o menino estava aborrecido de brincar comigo! Fazia-me muitas judiarias e quando se partia qualquer cousa naquela casa, era sempre eu que pagava as favas!... Apanhava, que nem bumbo numa festa! Uma noite, aproveitei a porta da rua aberta e escapuli-me daquele inferno! Na rua, fazia um frio de rachar e eu, a tremer, muito engerido, cheio de medo, na escuridão, encolhia-me

na soleira duma porta. De madrugada, vi passar uma carrocinha dum vendedor de hortaliça que me recordou ter já visto, há muito tempo!...

Num grande esforço, pois tinha as patas empedernidas com a friagem, segui a carroça e onde vim eu ter depois de ter andado umas duas horas?

— A casa do tio Mateus. — Rematei eu.

(Continúa na página 7)

O CESTINHO

DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas amiguinhas:
Que belo par de patetas êstes
dois elefantes!

Encontraram-se e tão espantados
os deixou o encontro, que ficaram
suspensos e pasmados a olhar um
para o outro!

Na verdade, fazem um bom par
de patetas!

Tão ridículos são e de tal ma-
neira provocam o riso, que estão
mesmo a pedir... sabem o quê?

Que os coloquem num guardana-
pinho de bebê para êste se rir à
vontade no nariz deles!

Boa partida lhes vamos pregar!

Pois é tratar disso quanto antes
e quando surgir o primeiro anivers-
sário dum menino da família ou

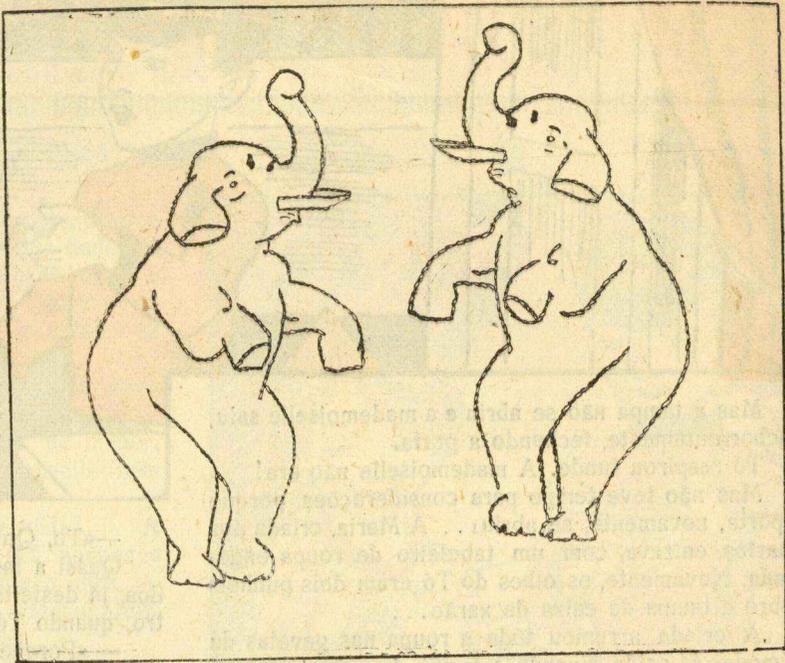
amiguinho, já têm o presente
pronto!

E não queria eu, isso não, estar
na pele de qualquer dos elefantes;

não sei se resistiria à troça do
bebê!...

Vossa

ABELHA MESTRA



O SONHO — (Continuação da página 3)

mas de grande sonho, tomou rà-
pidamente conta do seu ambi-
cionado edificio, dentro do qual,
realizou depois, todos os caprichos
da sua fantasia romântica.

* * *

As meninas admiram-se desta
verídica história?

Pois não tem de que se admi-
rar. O sonho da pequenita borda-
deira teve a sua razão de ser. Os

seus bordados são poemas de en-
canto e de sonho. Tecê-los é viver
uma vida estranha de fantasia,
que os dedos materializam en-
quanto a imaginação vòo alto.
Tão alto que o palácio encantador,
que a pequenina bordadeira de-
sejou e obteve, foi para ela como
que um grande e belo bordado,
o seu melhor e último bordado,
com a diferença de que os outros
tecia-os e vendia-os, e êste so-
nhou-o... e foi para si.

Para si e para as flores, para
os cisnes brancos, para os lindos
pavões orgulhosos dos seus leques,
de fantásticas cores e para os pas-
sarinhos que, ao anoitecer, iam
encher de gorgeios sublimes seus
jardins e sua alma, radiantes com
a nova e graciosa moradora do
magnifico palácio, dona do jardim
onde êsses românticos seres vi-
viam, cantavam e sonhavam....

F I M

CONCURSOS CHARADÍSTICOS

SECÇÃO RECREATIVA

Número 3 — 1.º Concurso

Nota. — Tôda a correspondência
referente a esta secção deve ser en-
dereçada a Américo Taborda (Rei do
Sêbo). — «Pim-Pam-Pum». — Rua do
Século, 43 — LISBOA.

LOGOGRIFO

1) Um concurso charadístico,
Alegre, vi no jornal. — 11-6-7-8-9-10-11.
E se êste sport pratico
Vou ver agora, afinal.

Vou fazer a diligência
P'ra o grande prêmio ganhar. — 10-5-
9-3-11-R

Salvo a minha inteligência
Totalmente me falhar.

Ainda não está morta. — 1-2-3-4

Esta minha pretensão. 4)
E a todos, caros colegas,
Dou a minha salvação.

Oeste — Livramento — Nelas.

CHARADAR NOVÍSSIMAS

2) Aqui, nesta serra portuguesa, comi
um crustáceo. — 1-2

Lisboa — Adelino T. Cardoso.

3) Neste leito está o batráquio que vi
no teu quarto de dormir.

Leiria — Ramon Navarro.

SINCOPADAS

Senti alívio na doença por uma sim-
ples colherada de remédio. — 3

Lisboa — Adeliço F. Cardoso.

Êste bufão viu tanto ou tão pouco
que caiu junto da balisa. — 3

Tomar — A. Seravat.

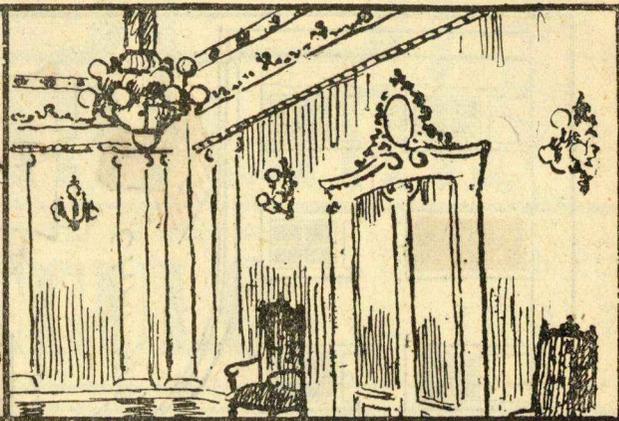
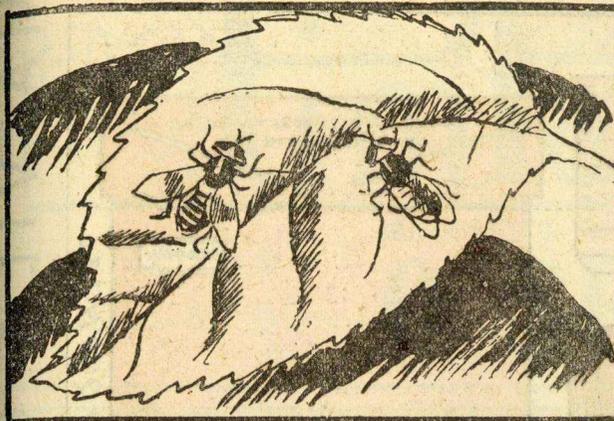
Esta mulher é muito sincera. — 3.

Setubal — Bêu.

Neste dia da semana fui tomar ba-
nho ao rio. — 3

Setubal — Lucas.

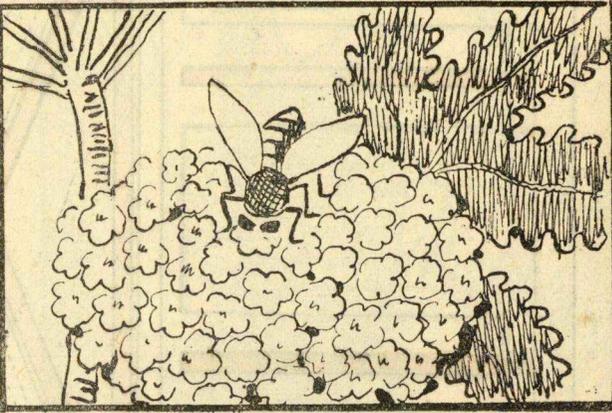
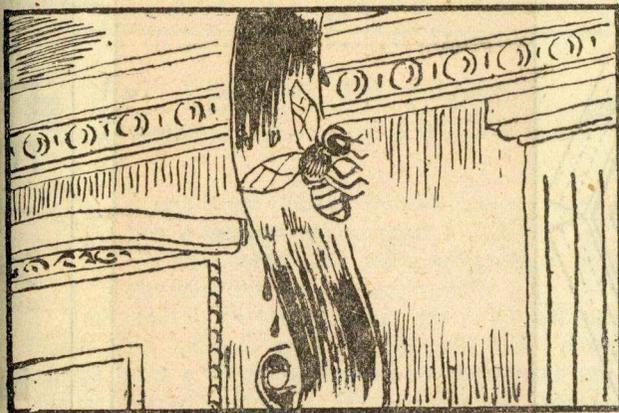
A MOSQUINHA AMBICIOSA



Pequenino e bom leitor:
Duas mosquinhas bêbés,
pequenas, como tu és,
encontraram-se uma vez
sôbre uma roseira em flôr.

«Onde vais?!...» perguntou uma
à outra que era «coquette».
— «Vou viver num palacete,
pois a quem lá se intromete
nunca falta coisa alguma!»

«Pois eu, -- (logo a outra exclama)--
prefiro viver no campo,
neste ar bucólico e lampo
onde vive o pirilampo
onde há mel, flores e rama.»



Rindo com seu ar «coquette»,
então, a môsca vaidosa
voou de cima da rosa
e penetrou, orgulhosa,
no salão dum palacete.

Vendo, ao alto duma mesa,
uma tira de papel,
besuntadinha de mel,
poisou e, ó sina cruel,
a mosquinha ficou prêsa.

Entretanto, em liberdade,
entre a Natureza em festa,
contente, feliz e lesta,
a môsca simples, modesta,
gozava a sua humildade.

O REBOLINHO — (Continuado da página 5)

— Como soube o senhor Anão? — perguntou o Rebolinho admirado.

— Foi êste dedo que mo disse! — expliquei-lhe, espetando o dedo meeminho.

— Quando cheguei à loja do meu antigo dono, deitei-me nos degraus, estafadinho da caminhada. Mas, ao vê-lo, abrir a porta de manhãzinha, a-pesar-de muito cansado, desatei logo a andar à roda do engenho e, dessa vez, até o uff! uff! do fole soou aos meus ouvidos, alegremente!

Aqui está, amigo Anão, como vim parar ao meu primeiro ofício e, afinal, sou bem feliz, porque o que me parecia dantes insuportável, faço-o, agora, com satisfação e o tio Mateus é para mim o melhor dos donos, pois que me trata nas palminhas!

— Rebolinho! Rebolinho! — gritou uma voz grossa.

— Lá está êle a chamar-me! Faço-lhe falta! Sem mim, não anda o engenho! — e, correndo, o bom do cão desapareceu.

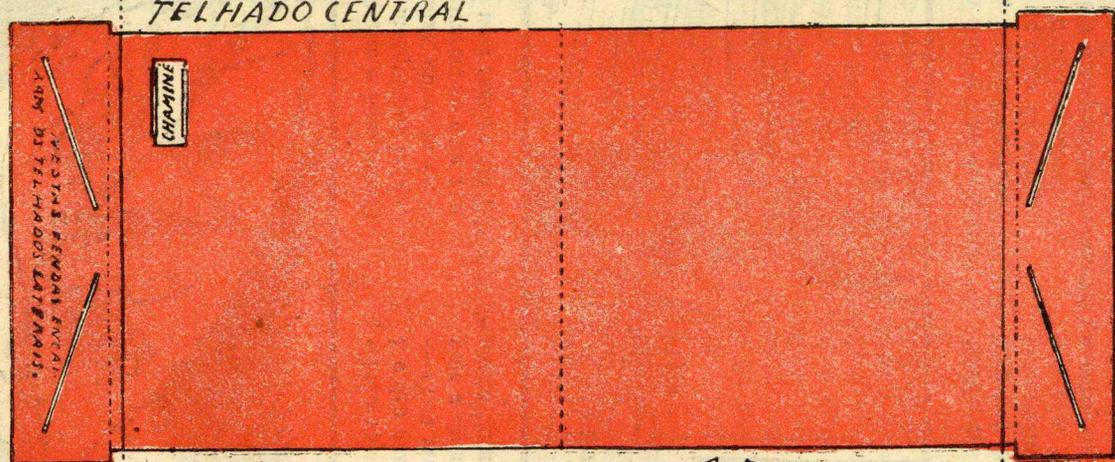
O que o Rebolinho ves contou tem moral, e muita!

Nunca devemos achar a nossa vida e os trabalhos que sômos obrigados a fazer, enfadonhos ou aborrecidos!

Não devemos fugir a êles, a até cumprí-los com alegria, porque, muitas vezes, pode suceder-nos o mesmo que ao Rebolinho, que tanto correu para, afinal, se achar feliz na sua antiga condição!

PR
Imprimium

TELHADO CENTRAL



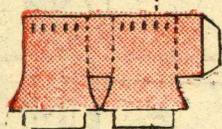
7ª FOLHA:

PAÇOS
DO CON-
CELHO

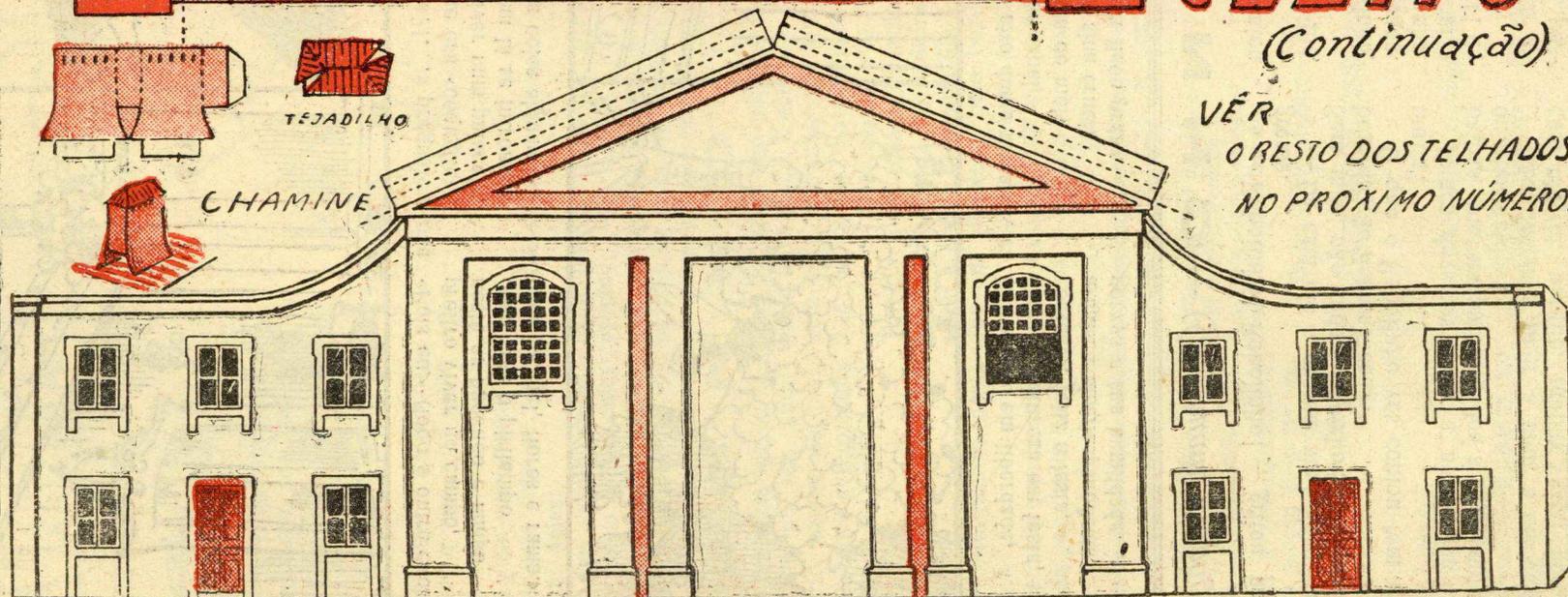
(Continuação)

VÊR

O RESTO DOS TELHADOS
NO PRÓXIMO NÚMERO.



CHAMINE



Amélia Taborde